

PESQUISANDO E LENDO NA WEB: A LEITURA COMO PRÁTICA CULTURAL

Roselma da Silva Monteiro GOMES¹

RESUMO: Observa-se que é pouco freqüente por parte dos professores de Língua Portuguesa, a solicitação aos alunos de trabalhos de pesquisa. Com o advento da internet, gerou-se novas formas de leitura e práticas pesquisa escolar, que vem se sedimentando cada vez mais na escola, pois esta não pode ignorá-las. Então temos como objetivo geral: Compreender como os alunos pesquisam e lêem na internet, de forma planejada ou não-planejada, e como o ensino de Língua Portuguesa se articula para trabalhar o eixo leitura a partir de textos multimodais, estáticos ou dinâmicos presentes nas páginas da WEB. Os sujeito serão um grupo de 12 alunos e dois professores. Metodologicamente, a pesquisa será de cunho qualitativo e de intervenção nos moldes da pesquisa-ação, onde se observa um grupo controle e um grupo onde se dará a intervenção durante as aulas de Língua Portuguesa e fora da escola, no momento em que os alunos lêem e pesquisam em sites da WEB. Os resultados, que são ainda preliminares, apontam no mínimo, para a necessidade, por parte dos docentes, de realizar com os alunos, didatizações e leituras de textos multimodais e de aspectos não-verbais numa perspectiva ampla e para uma sub-utilização de ambientes virtuais. O que já justifica essa investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa Escolar; Leitura; Internet; Leitura de Imagens.

PESQUISA ESCOLAR: Um reflexão...

Observa-se que é pouco freqüente por parte dos professores de Língua Portuguesa, a solicitação aos alunos de trabalhos de pesquisa escolar, onde os alunos são solicitados a “pesquisar” sobre um determinado tema e apresentar em forma de relatório de pesquisa, ou seja, um trabalho escrito como resultado do que encontrou sobre determinado assunto. Essa metodologia de estudo foi durante muito tempo indicada por professores das diversas áreas do conhecimento como uma atividade didática. Desde os anos 60, essa prática de solicitação de trabalhos de pesquisa escolar, surgiu como oposição a uma concepção de ensino centrada no professor. Era preciso mudar a metodologia, de “transmissão de conhecimentos” para uma que colocasse o aluno de forma mais ativa como produtor. Defendia-se, portanto, a investigação e a

¹ UFPE - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – Centro de Educação
Contato: Rua Aristides José Soares, nº106 CEP 53409-750 – Jardim Paulista – Paulista – PE – Brasil
roselma.monteiro@hotmail.com

compreensão. Essa nova concepção encontra respaldo no dizer de Campello (2002), “*os assuntos que merecem ser tratados pela escola são problemas significativos que devem ser investigados pelo próprio aluno, a partir de suas dúvidas e indagações*” p. 10.

Contudo, a pesquisa escolar parece ainda estar descaracterizada e mal compreendida pelos atores que a mobilizam, pois não tem atingido seus objetivos – construir um conhecimento novo; investigar e compreender fenômenos colocados como problemas, a serem reelaborados através da busca de informações e de conhecimento sobre o objeto estudado. Neste estudo, abordamos pontos de intersecção entre os dois tipos de pesquisa: 1) **a escolar**, que também pode ser chamada de pesquisa de conteúdo e que deve ser feita através de várias fontes (bibliográficas, visuais, orais e outras) com o objetivo de subsidiar a aprendizagem sobre determinado conceito e 2) **a científica**, que se refere ao estudo aprofundado sobre algum tema realizado geralmente por pesquisadores em nível superior, numa perspectiva de descobertas científicas inovadoras. Concordamos com Demo (1999), quando este identifica a pesquisa como um princípio a ser utilizado tanto na ciência como na escola.

Percebe-se que a maioria dos alunos não sabem fazer pesquisa, e isso é decorrência do tipo de orientação que eles receberam de seus professores, afirmam Padilha & Cavalcante, 2004. Segundo essas autoras, os alunos em todos os níveis de ensino, do fundamental à pós-graduação, não são orientados a usar a biblioteca de forma racional e eu diria também de forma investigativa. A escolha do livro a ser pesquisado geralmente é indicação do professor, quando há, sendo muitas vezes apenas um, ou seja, apenas uma fonte de consulta. Não recebem qualquer orientação ao modo de usá-lo, chegando, portanto, à coleta de informações sem qualquer tratamento crítico e construtivo.

Os professores, por sua vez, na sua formação como licenciados, pouco ou nada viram em Didática que os instrumentalize a proceder uma orientação investigativa com o aluno e isso reforça ou cria uma postura estanque frente ao conhecimento que precisa ser apreendido.

Buscamos então, o seguinte questionamento: - O que faz o professor com trabalhos “completos” copiados de um único livro, sendo 90% iguais numa turma de 40 alunos? 1) Lê todos?; 2) Olha a organização e a letra do aluno?; 3) Reflete sobre o que ele está ensinando?

É nessa perspectiva, sobre pesquisa escolar, que tentamos refletir e sobre quais caminhos podemos sinalizar na intenção de superar esse problema.

A INTERNET COMO FONTE DE PESQUISA: Uma nova forma de usar a linguagem.

A internet vem penetrando de maneira impressionante várias esferas da atividade humana, das mais íntimas às mais públicas, como diz Marcuschi (2005), prefaciando o livro *Interação na Internet* de Araújo & Biasi-Rodrigues -org. (2005). E assim a internet despertou o interesse de muitas áreas de conhecimento. Na escola pública ela chega timidamente, porém o acesso à rede já é uma realidade muito sedimentada na vida dos alunos, mesmo naqueles que não têm um computador conectado em casa, o fazem em lan-houses que tornaram-se verdadeiros locais de interação via rede e de entretenimento. É lá que comumente, os alunos realizam suas “pesquisas escolares”. Abandonaram as salas de biblioteca, pois a mesma geralmente é pouco atraente para alunos em idade escolar no ensino fundamental, e de certa forma, migraram para as lan-houses, ou para a conexão à rede em suas próprias casas.

A questão, é que parece haver uma sub-utilização dos ambientes virtuais de estudos, em relação ao uso que não é feito das ferramentas disponíveis, por professores e alunos. É uma nova forma de linguagem que se apresenta e os alunos e professores não estariam preparados para lidar com ela.

Hoje, novos desafios e práticas discursivas implementadas pela Web impõe ao ensino uma nova forma de conceber aspectos da leitura como compreensão e como prática social e do registro da produção escrita do conhecimento novo reelaborado.

Com o advento da internet, gerou-se novas formas de leitura e práticas de pesquisa escolar, que vem se sedimentando cada vez mais na escola, pois esta não pode ignorá-las. Alguns estudos de intervenção: PADILHA & CAVALCANTE (2004, 2004b); DEMO (1997) e BAGNO (1998), vêm suscitando subsídios para o professor na construção de competências para o ensino da leitura numa perspectiva ampla. Pierre Boudier no seu debate com Roger Chartier (2001), traz-nos uma reflexão sobre a leitura como prática cultural e é a partir dela que pensaremos as possibilidades de ensino.

Na perspectiva de que os alunos devam ser agentes ativos de sua aprendizagem (PADILHA, 2006), a pesquisa escolar se configura como uma estratégia de ensino muito utilizada por professoras das diversas áreas do saber, sobretudo o ensino fundamental, cuja ação educativa acaba por abandonar o aluno na realização de “Trabalhos Escolares” com a simples indicação do tema a ser pesquisado e da data que deverá ser entregue.

Comumente esse tipo de solicitação aos alunos, como já foi dito, é menos freqüente por parte de professores de língua, mas é comum nas outras áreas do saber. Segundo Bagno (2006), “as duas disciplinas mais importantes – Língua Portuguesa e Matemática – nunca (ou raramente) são objetos de pesquisa na escola” p. 65.

É curioso observar que nas aulas de Língua Portuguesa o eixo “produção de texto” é trabalhado, mas raramente é fruto de resultado de uma investigação, como um relatório de pesquisa escolar.

Com o advento da internet o que se fazia antes por parte dos alunos, continua a ser feito, só que agora com mais possibilidade de construir um conhecimento novo ou responder a uma questão que o instiga. No entanto, por vezes, ao copiar trechos de material informativo, os alunos deixam de vivenciar atividades processuais de investigação diante de algo até então desconhecido e o professor por sua vez constata que não é mesmo copiando e colando que o aluno constrói conhecimento, mas por não saber metodologicamente como intervir restringe-se a criticar a “produção” do aluno, o que é lamentável.

Estudos de Padilha e Cavalvante (2004), especificamente, unem a essa temática também o uso da internet como recurso midiático para o trabalho de pesquisa e em um estudo realizado cujo público alvo eram professores do nível superior, experimentaram uma estratégia de ensino da pesquisa na Web, que serviu de “desing” metodológico para professores orientarem seus alunos na pesquisa escolar via internet neste estudo.

Como nos diz Freitas (2006), é preciso compreender a presença da internet como uma nova tecnologia a partir de uma perspectiva histórica. Para fazer isso, retornamos ao passado e refletimos sobre como o processo de leitura e escrita foi se constituindo como práticas culturais e sociais e sobre quais acontecimentos suscitaram uma nova forma de conhecer essas práticas com o avanço tecnológico. Particularmente, a escrita, ou seja, seu surgimento marca revolucionariamente um dado momento da humanidade. São muitos os estudos que se dedicam a conhecer e identificar implicações sociais e psicológicas da escrita, estudando-a em seu desenvolvimento histórico.

Considerando primeiro ainda a perspectiva escrita, observamos que a humanidade veio se constituindo socialmente por meio da oralidade, do discurso e mais tarde tornou-se letrada com o surgimento das formas de registro e, portanto, da escrita.

Há cerca de 6.000 anos, surgem os primeiros escritos, mas nessa época pouco mais de 100 línguas faladas pode-se dizer que possuíam um sistema de registro escrito organizado. Portanto, era na oralidade que a humanidade basicamente se comunicava. A princípio, de modo muito primário, e em seguida por uma oralidade que sofre influência da cultura tecnológica (o telefone, o rádio, a TV), que apesar de utilizarem-se de práticas orais dependem da escrita. Estamos impregnados da cultura escrita e já não podemos viver sem ela. Como tecnologia, a escrita foi uma revolução cultural, assim como hoje, o uso cada vez mais intensivo do uso do computador, da internet e de outras formas tecnologicamente avançadas de produção de escritas e, portanto, de modos de leituras, que alternam consideravelmente os processos e os comportamentos ao lidar com essas práticas. De forma que nos interrogamos sobre o lugar do livro enquanto artefato da cultura escrita e como este perde espaço para outros suportes tecnologicamente mais modernos, alterando-se assim, posturas e comportamentos também do ato de ler.

Façamos então uma reflexão sobre a hipótese de vivermos uma possibilidade: “o fim do livro”. Perguntamos, então: “O livro vai acabar?”.

Vou ousar dizer que o livro, um dia, vai acabar sim. Mas esta afirmativa merece uma ressalva: A idéia de registro, de livro enquanto instrumento de divulgação e socialização de saberes nunca se acabará. Mas se pensarmos no formato impresso atual, insisto em afirmar que ele acabará sim, baseando-me no fato de que não mais escrevemos ou lemos em pedras, papiro ou pergaminho. Numa perspectiva futurista, penso que teremos outros tipos de suportes além do papel para registrar a produção

intelectual, talvez menos acessíveis a toda a população, ou com diferentes níveis de acesso para as diversas instâncias da comunidade leitora. Pois a tecnologia na dimensão da inclusão tem avançado tanto que não será impossível pensar meios de minimizar custos na intenção de que não se perca de vista a idéia de leitura tão necessária em todas as áreas do saber. O que mudará será a superfície. A inclusão digital se fazer mister nos tempos atuais e vindouros da era tecnológica, ao mesmo tempo existe uma preocupação unânime em não se perder de vista o tão salutar hábito de ler. Porém, hábitos e posturas mudam de acordo com os materiais com os quais é preciso utilizar. São práticas culturais que são modificadas não na velocidade tecnológica, mas na das necessidades sociais.

Sintetizamos então essa discussão sem deixar de observar que a tecnologia da escrita produziu profundas mudanças na vida e no discurso das pessoas alterando padrões de condutas, modos de pensar e, portanto, aspectos culturais.

Ao indagar sobre que mudanças, as novas tecnologias da escrita, facilitadas pelo computador pela internet, têm proporcionado, questionamos também sobre as novas formas de leitura em termos da não linearidade, da postura, da atitude e a atenção aos aspectos não-verbais que estão presentes hoje no ato de ler.

Se por um lado, a internet como um hipertexto de produção coletiva e ciberespacial alterou as ações de uma sociedade oral e do escrito impresso para uma sociedade eletrônica e digital, o ser escritor e o ser leitor passa a uma dimensão de maior participação tanto na escrita a partir de seus suportes digitais, como na leitura, uma vez que hipertextualmente cada leitor escolhe seu próprio itinerário de navegação cuja característica é a não linearidade. Há, portanto, uma mudança na concepção de leitor e autor. Temos um leitor que escolhe caminhos e conteúdos a serem lidos,

explorando espaços virtuais de acordo com interesses e necessidades, recriando assim uma prática cultural.

UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA: Pensando uma metodologia...

Três problemáticas se unem nessa nossa investigação: - a leitura de imagens como possibilidade de leitura e construção de sentido; a pesquisa escolar como objeto de construção de conhecimento novo; E as novas práticas culturais de leitura e escrita que modificam comportamentos com o advento tecnológico do computador como instrumento e da internet como meio de interação sócio-comunicativa e, portanto, cultural. Será que a ação docente tem possibilitado a vivência dessas questões?

Assim, esta pesquisa, que encontra-se em fase de andamento, tendo já concluído um estudo piloto, tem como objetivo geral refletir sobre como os alunos “pesquisam” na internet de forma planejada ou não, com ênfase na dimensão da leitura de textos não-verbais estáticos ou dinâmicos presentes nas páginas da Web e como o ensino de Língua Portuguesa se articula para trabalhar o eixo leitura a partir de textos multimodais, estáticos ou dinâmicos presentes nas páginas da Web. Os sujeitos são um grupo de 12 alunos e dois professores. Metodologicamente, a pesquisa é de cunho qualitativo e de intervenção nos moldes da pesquisa-ação, onde se observou um grupo controle formado por 6 alunos e 1 professor e um grupo onde se dará a intervenção, também formado por outros 6 alunos e 1 professor de turma de 8ª série do Ensino Fundamental, durante as aulas de Língua Portuguesa e fora da escola, no momento em que os alunos lêem e pesquisam em sites da Web.

Nessa pesquisa que chamamos de experimental optamos pela pesquisa-ação por essa se constituir, segundo definição de Dubost (19987) apud Barbier (2004) como uma “ação deliberada visando a uma mudança no mundo real, engajada numa escala restrita

englobada por um projeto mais geral e submetendo-se a certas disciplinas para obter efeitos do conhecimento ou de sentido”. Na qualidade de coordenadora pedagógica de uma escola pública municipal tenho observado como é crítica essa situação dos trabalhos de pesquisa escolar totalmente copiados de apenas uma fonte de consulta, sem reflexão, sem reelaboração e por isso sem significação ao conhecimento que está sendo “construído”.

Como objetivos específicos, pretendeu-se testar uma metodologia de orientação ao trabalho de pesquisa via internet; compreender o percurso e construções que os alunos fazem ao se defrontarem com o espaço visual, suas escolhas, seleções e elaborações; refletir sobre didatizações e possibilidades para a leitura de imagens, materializadas como modalidade ou informatividade visual nos gêneros digitais que circulam na internet e refletir sobre as mudanças das práticas de leitura como prática cultural e a partir delas suscitar possibilidades de ensino.

Tínhamos como hipótese que, munidos de uma seqüência didaticamente organizada para a orientação do trabalho de pesquisa via internet, alunos e professor podem além de responder às suas questões iniciais, suscitar conhecimento novo acerca do objeto investigado e que não é suficiente só “explicar” o trabalho e dizer onde eles devem pesquisar, é preciso uma estratégia didática que viabilize essas aprendizagens. Os resultados e a reflexão teórica acerca dessas velhas ou novas práticas sociais nos instigam também à produção de um conhecimento novo sobre estratégias de orientação de pesquisa escolar na Web, sendo elas contribuições para a construção de novas metodologias e possibilidades de ensino e de aprendizagem.

RESULTADOS DE UMA INVESTIGAÇÃO: Comentando os dados...

A título de exploração e preparação para a coleta dos primeiros dados do campo selecionados onde se dá este estudo, identificamos a seguir os sujeitos desta pesquisa: 2 turmas de 8ª série do ensino fundamental da rede pública municipal, onde foram observadas 18 aulas de cada professor (Professor 1 na turma A e Professor 2 na turma B) de agora em diante P1/A e P2/B. Nessas aulas observadas verificou-se uma frequência superior de solicitação de trabalhos de pesquisa escolar em uma das turmas segundo a tabela abaixo, por parte dos diversos professores das demais disciplinas. Observamos que nenhuma das solicitações partiu de professores de Língua Portuguesa.

TURMAS	A	B
Solicitação de trabalhos de pesquisa escolar	7	2
Orientação mínima aos alunos na feitura do trabalho.	–	X

No entanto, a turma que teve uma frequência menor, observou-se a existência de alguma orientação ao aluno sobre como realizar o trabalho, a pesquisa, auxiliando-o com informações suplementares além do tema/conteúdo e da data em que deverá ser entregue.

Ainda como um estudo exploratório, aplicou-se um questionário para seleção da amostra dos alunos de cada turma que participariam deste estudos, sendo mais diretamente investigados. Nesse questionário, que chamaremos de Q1 foi utilizado como critério para seleção: o acesso direto à internet; a frequência com que utilizavam; as finalidades e as opções de sites visitados no acesso. Deveriam ser selecionados, para participar do grupo controle e do grupo de intervenção, aqueles alunos que atendessem a

esses critérios de forma a atender ao perfil de um aluno que tem acesso direto à rede, utiliza diariamente, diz utilizar para realizar consultas, pesquisas ou buscas de informações e os que visitam sites de busca em geral. Os resultados desses dados apresentam-se aqui percentualmente:

RESULTADOS PARCIAIS DA PESQUISA EXPLORATÓRIA

1) SOBRE O ACESSO DIRETO À INTERNET

OPÇÕES	%
Em casa	5
Lan-house	57
Casa de parentes	4
Não tem acesso	18
Marcaram duas opções	15
Outros	1

2) SOBRE A FREQUÊNCIA COM QUE UTILIZAM A INTERNET

OPÇÕES	%
Todos os dias	7
Quase todos os dias	22
De vez em quando	52
Quase nunca	17
Marcou duas opções	2

3) SOBRE A UTILIDADE NO USO DA INTERNET

OPÇÕES	%
Além de jogar, consultas, pesquisas e trabalhos	59

Só para jogar	3
Para comunicar-se com amigos	28
Não serve para nada	10

4) SOBRE OS SITES VISITADOS NO ACESSO

OPÇÕES	%
Google	13
Orkut	50
Blogs	1
Entretenimento	5
Outros	7
Google e orkut	24

De posse dessas informações de um universo de 83 alunos, selecionou-se 6 alunos para a formação de um grupo controle juntamente com seu professor de Língua Portuguesa. E 6 alunos com seu respectivo professor onde se dará a intervenção. A esses sujeitos foi aplicado o Questionário 2 com a finalidade de apreender opiniões, discursos e aspectos dos procedimentos dos alunos e dos professores ao terem como meta a realização e solicitação, no caso dos professores, de um trabalho de pesquisa escolar.

Aos alunos o Q2 pretendia saber:

- A) O modo como era solicitado um trabalho de pesquisa por parte dos professores;
- B) Os sites consultados;
- C) Estratégia que usa para selecionar o que vai ou não fazer parte do trabalho;
- D) Sobre qual o objetivo do professor ao solicitar um trabalho de pesquisa.

Dentre as opções escolhidas tivemos a seguinte frequência no que se refere à questão A:

OPÇÕES	FREQUÊNCIA
O PROFESSOR ANOTA NO QUADRO O TEMA E A DATA DE ENTREGA.	10
O PROFESSOR EXPLICA O QUE SERÁ PESQUISADO E DÁ INFORMAÇÕES DE COMO FAZER, ONDE BUSCAR.	2
O PROFESSOR DIZ PASSO A PASSO COMO O TRABALHO DEVE SER FEITO, INCLUSIVE ORIENTAÇÕES DE FORMATAÇÃO.	–

Quanto à questão B, todos responderam que utilizam com maior frequência o Google como site de busca na realização de uma pesquisa escolar.

Algumas respostas da questão C ilustram um pouco o que os alunos fazem em termos de estratégia para selecionar o que vai ou não fazer parte do trabalho:

Algumas respostas:

“Primeiro leio, depois escrevo, faço um resumo e escrevo o que entendi num pequeno texto”

“Faço o que entendo e o que tem haver com o tema”
“Anoto o assunto...”

“Seleciono as coisas importantes e faço um resumo”

“Eu faço um resumo, porque quando eu pesquiso na internet eu não copio”.

RESPOSTAS	FREQUÊNCIA
LÊ SELECIONA E RESUME	7
LÊ E FAZ RESUMO	3
SELECIONA E COPIA	2

E finalmente, a opinião dos alunos sobre qual seria o objetivo do professor ao solicitar um trabalho de pesquisa: Algumas respostas mais freqüentes:

“*Ver a capacidade do aluno*”

“*Testar meus conhecimentos*”

“*Quer que eu aprenda mais sobre aquele assunto*”

“*Melhorar meus conhecimentos, me ajudar e facilitar meu trabalho*”.

RESPOSTAS	FREQÜÊNCIA
AVALIAR (MENSURAR)	6
ENSINAR /APRENDER	4

Aos professores foi aplicado um questionário que buscava apreender discursos sobre a metodologia de ensino que utiliza: os objetivos que pretende atingir ao solicitar um trabalho de pesquisa escolar; qual orientação é dada; os critérios adotados para avaliar os trabalhos e sobre aspectos da leitura de textos multimodais, tais quais os que os alunos encontram na superfície digital ao utilizar o computador conforme demonstra a tabela abaixo:

RESPOSTAS DOS PROFESSORES AO QUESTIONÁRIO 3

QUESTÕES FEITAS AOS PROFESSORES	PROFESSOR 1 (P 1)	PROFESSOR 2 (P 2)
NA METODOLOGIA DE ENSINO UTILIZA A SOLICITAÇÃO DE TRABALHOS ESCOLARES DE PESQUISA?	SIM	SIM
QUAL O OBJETIVO GERAL AO SOLICITAR ESSE TIPO DE TRABALHO] ATIVIDADE?	“ <i>Que o aluno tenha uma melhor organização e facilitar para o professor avaliar o conteúdo abordado</i> ”	“ <i>Fazer com que o aluno se habitue a trabalhos de pesquisa, para que consiga sistematizar oralmente ou por escrito seus resultados</i> ”
	“ <i>Trabalhar em</i>	“ <i>Que tenha a</i>

QUAL A ORIENTAÇÃO DADA POR VOCÊ AO SOLICITAR O TRABALHO?	<i>cima das causas, objetivos e conseqüências, onde o aluno venha ter uma melhor orientação na pesquisa”</i>	<i>mínima organização de um trabalho científico. Digo os objetivos a serem obtidos, faço intervenção crítica do tema pesquisado”</i>
QUE CRITÉRIOS ADOTA PARA AVALIAR OS TRABALHOS?	<i>“Ver se o conteúdo trabalhado obteve coerência com o que foi pedido”</i>	<i>“O atendimento aos itens ditos a eles (organização, atendimento aos objetivos, intervenção crítica no tema”</i>
TRABALHA OU JÁ TRABALHOU COM LEITURA DE IMAGENS, TEXTOS VISUAIS?	<i>“Sim, mas o aluno não tem base para fazer uma leitura de imagem, tem muita dificuldade em expressar o que está lendo”</i>	<i>“É comum em língua portuguesa trabalhar o texto verbal e não-verbal, sendo este rico em possibilidades de compreensão e interpretação”</i>

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO NA INTERVENÇÃO

Com o grupo controle que vamos chamar de G1 fora dada a seguinte orientação:

OR (ORIENTAÇÃO) 01: Objetivo + Tema + Data de entrega.

Com o grupo a qual se deu a intervenção (chamaremos G 2):

OR (ORIENTAÇÃO) 02: Objetivos + Tema + Sites + **Roteiro Metodológico** + Datas de entrega. A aplicação desse processo de orientação de pesquisa na Web inclui: o tema da pesquisa, os objetivos que se deseja alcançar com a pesquisa, algumas sugestões de sites para subsidiá-los, roteiro de conteúdo, que foi uma adaptação da proposição inicial de Padilha e Cavalcante (2004), incluindo também um roteiro metodológico, cujos passos serão os seguintes, sem que necessariamente obedeçam a essa ordem, mas que

respeite e aproveite a organização cognitiva do aluno-pesquisador: questionamento; problematização; localização; seleção; compreensão; reflexão crítica e reelaboração.

Durante todo o estudo tivemos então como instrumentos metodológicos:

- Questionário 1 para seleção da amostra de alunos;
- Questionário 2 para delimitação dos sujeitos da pesquisa;
- Questionário 3 para identificação dos professores envolvidos na pesquisa;
- Entrevista semi-estruturada aplicada aos dois professores;
- Sessões de observação não-participante e registro etnográfico em diário de campo;
- Sessões de observação participante
- Aplicação de uma seqüência didática planejada junto a um dos professores.

ESTADO DA ARTE DESSA INVESTIGAÇÃO: COMENTANDO OS DADOS...

A pesquisa está em andamento, mas já podemos socializar alguns dados: Ambos os grupos tiveram como tema de pesquisa: “***TEXTOS VISUAIS - POSSIBILIDADE DE LEITURA?***”

O objetivo colocado para ambos os grupos também fora realizar um trabalho escolar que chamamos de *Pesquisa Escolar* com o fim de responder ao problema: “*É possível ler imagens e textos não-verbais?*”, cujo relatório ou trabalho escrito será socializado (apresentado) dia 24 de novembro do corrente ano na feira de conhecimento da escola.

Os dados que aparecem aqui nos dá uma idéia de como vem sendo desenvolvido ou solicitado trabalhos de pesquisa e quais representações os alunos têm sobre eles.

Dos alunos das duas turmas, 12 (doze) foram selecionados e separados em 2 (dois) grupos. Os que participarão de uma intervenção (orientação do professor a partir

de uma seqüência didática) e o outro será o grupo controle com a indicação apenas dos objetivo da pesquisa, o tema e a data de entrega.

Houveram até então três sessões com cada grupo com duração de 1 hora cada.

SOBRE O GRUPO 1

- Foram diretamente ao site do *Google* e preencheram o espaço para a consulta com palavras em toda a web.
- O preenchimento em dois dos alunos foi do título todo da pesquisa: TEXTOS VISUAIS – POSSIBILIDADE DE LEITURA?, inclusive com o ponto de interrogação.

A1.1 (aluno 1 do grupo 1)

- O resultado pareceu decepcioná-lo;
- Clicou na 1ª opção e fez o seguinte comentário: “*Eita! É isso?, vou ler*”, mas não leu tudo;
- Adiantou as páginas e leu algumas partes;
- Decidiu voltar à primeira página e clicou na 3ª opção;
- Saiu o ABSTRACT de um artigo e comentou: “*Eita, esse tá em inglês! To fora!*”
- Não adiantou as páginas seguintes para verificar o resto do conteúdo do artigo e voltou à página inicial;
- Abriu outras páginas não relacionadas ao tema. Entrou no orkut, passou um recado, entrou no msn, conversou com alguém informando que estava fazendo um trabalho sobre textos visuais. A pessoa respondeu que ele devia ir em vídeo, que tinha muitos textos visuais. Resistiu um pouco, saiu do google, abriu outro

site (youtube.com) e passou a observar imagens e ver vídeos. E fez isso até o final do tempo previsto para essa primeira sessão.

A2.1 (aluno 2 do grupo 1)

- Passou rapidamente a página e optou pela próxima página de resultados:
- Clicou a 2ª opção
- E comentou: “*Nada haver!*”
- Passou para a página de resultados 3 e comentou: “*Não nada de texto visuais aqui!*”.

A3.1 (aluno 3 do grupo 1)

- O aluno 3 colocou só TEXTOS VISUAIS e marcou a opção “páginas em português”

Web [Imagens](#) [Grupos](#) [Notícias](#) [mais >](#)

TEXTOS VISUAIS [Pesquisa avançada](#)
[Preferências](#)

Pesquisar: a web páginas em português páginas do Brasil

- Clicou na 1ª opção, não verbalizou nada, adiantou as páginas, demorou-se alguns segundos lendo o resumo do artigo, pegou o caderno e pôs-se a copiar.
- Clicou na 2ª opção leu o resumo, adiantou algumas páginas, retornou ao resumo e copiou à mãe.

Ainda não se iniciaram as sessões com o Grupo 2. Primeiro se dará a construção de seqüência didática junto com ao professor e a observação deste passando as orientações aos alunos do roteiro metodológico. Pretende-se nos moldes da pesquisa obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentar nosso conhecimento de determinadas situações que acontecem em sala de

aula, tendo como objetivo prático, contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, com levantamento de soluções e proposta de ações correspondentes às soluções para auxiliar os agentes (ou atores) na sua atividade transformadora da situação. Thiollent (2007), chama atenção para o fato de que este tipo de objetivo deve ser visto com “realismo”, isto é, sem exageros nas definições das soluções alcançáveis. “Nem todos os problemas têm soluções a curto prazo” p. 20.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo tem resultados apenas preliminares, mas já pudemos aqui socializar alguns dados e refletir sobre eles, o que servirá substancialmente para a continuidade do estudo na ação seguinte do desenvolvimento de uma seqüência didática-pedagogia de estratégia de orientação à pesquisa escolar que subsidia o aluno aproximando a pesquisa escolar ou de conteúdo da pesquisa no seu caráter científico de investigação sobre um problema que possibilita a constituição de um conhecimento novo.

É notório que os professores não estão satisfeitos com os resultados dos trabalhos escolares realizadas pelos alunos que são em sua maioria trabalhos copiados e sem qualquer reflexão crítica e construtiva. Através das observações de sala de aula e dos questionários que serviram como instrumentos de coleta de dados, pode-se perceber que os professores de Língua Portuguesa, apesar da preocupação com o eixo leitura e produção textual, não possuíam uma estratégia estruturada de orientação de pesquisa, nem para atender ao objetivo de fazer com que seus alunos se apropriem de um conhecimento novo, pela busca e pela leitura e pela busca de informações, nem tampouco para fazê-los produzir um texto original demonstrando os conhecimentos produzidos durante a pesquisa. Como prática cultural, ler, pesquisar e utilizar ambientes

virtuais está na ordem da vez e facilitar esse acesso e o estabelecimento de competências para tal se inscreve como mais uma das tarefas da escola e, portanto, do professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Júlio César & BIASI-RODRIGUES (org.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BAGNO, Marcos. *Pesquisa escolar: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

CAMPELLO, Bernadete Santos et al. *A internet na Pesquisa Escolar: um panorama do uso da Web por alunos no ensino fundamental*, 2002. Disponível em <http://www.biblioestudantes.hpg.ig.com.br/tecnologia.htm> Acesso em 29 de junho de 2008.

CHARTIER, Roger. *Práticas da Leitura*. Tradução: Cristiane Nascimento. 2ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

DEMO, Pedro. *Educar pela Pesquisa*. 2ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

_____. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 1999.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção & COSTA, Sérgio Roberto (org.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PADILHA, Maria Auxiliadora Soares e CAVALCANTE, Patrícia Smith. *Pesquisa escolar na Web: enfrentando antigas e novas questões*. Trabalho apresentado e publicado nos Anais (CD) do XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: - ENDIPE – Recife, PE, 2006

_____. *Estratégias e orientação de pesquisa escolar na Web: contribuições para a construção de uma metodologia de ensino e de aprendizagem*. In: XXIV Congresso Brasileiro de Computação – SBC, Salvador, 2004b. *Anais eletrônicos*. Salvador, 2004b.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 15 edição. São Paulo: Cortez, 2007.